

# ALEGORIA E MIDIALOGIA NA CONFIGURAÇÃO E APREENSÃO TEXTUAL: DA LITERATURA AO CYBERESPAÇO

Prof. Dra. Rosemary Conceição dos Santos<sup>i</sup> (USP)  
Prof. Dr. Marciel Aparecido Consani<sup>ii</sup> (USP)

## **Resumo:**

Este trabalho, considerando que parte do que o texto veicula não é materializado explicitamente, busca, nos estudos alegóricos e nos estudos midiáticos, diálogos pontuais com a Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory - RST) que focalizem exemplos de estratégias passíveis de serem utilizadas para o reconhecimento de relações nucleares e periféricas na macro e microestrutura das atividades de compreensão e produção textual. Para tanto, encontra, na técnica alegórica, a recuperação do sentido textual, processado, este, pela compreensão da natureza relativa das verdades contextuais e encontrado, na sequência, pelo que é identificado pelo leitor, bem como, na midialogia, novas produções em texto para imagem, áudio e vídeo, apropriações voluntárias de linguagens que mantêm, ou não, na retextualização, relações de coerência emergidas no texto original. A construção alegórica, fundada na antinomia que destaca a diferença entre o conteúdo manifesto e conteúdo(s) latente(s), permitindo, através de sua exegese, identificar componentes significativos denunciadores da apreensão de níveis profundos de realidade nela contidos. A construção midiática, através do cyberspaço em diferentes contextos, estimulando receptores passivos de conhecimentos formais a exercitarem práticas textuais enquanto torrentes de informações que lhes permitam serem protagonistas de suas próprias narrativas e notícias. Presenças na ausência, uma vez combinadas com organização textual, em termos de coerência entre partes pressuposta pela Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory - RST), alegoria e mídia, no exercício de construção e / ou desconstrução de relações implícitas estabelecidas entre as macro e microestruturas textuais, aqui sendo entendidas como ferramentas de auxílio na capacitação do aluno na construção de textos tradicionais e midiáticos coerentes.

**Palavras-chave:** Alegoria; Midialogia; Estrutura Retórica; Literatura; Cyberspaço.

## **Introdução**

Distintos campos de conhecimento, surgidos em diferentes contextos, e apresentando finalidades as mais diversas, geralmente voltadas aos Estudos Literários, à Comunicação e à Análise Textual, Alegoria, Midialogia e Estrutura Retórica apresentam, sob nosso ponto de vista, pontos de convergência para o estudo da articulação de significados em um texto, dentre os quais destacamos o conteúdo não materializado explicitamente no texto e que, independentemente disso, constrói e / ou desconstrói relações implícitas entre as macro e microestruturas textuais. É a esse conteúdo, generalizadamente tipificado como “conhecimento das entrelinhas”, que se volta a atenção e enfoques deste trabalho.

### **1. SOBRE ALEGORIA**

A alegoria (do grego *αλλος*, *allos*, "outro", e *αγορευειν*, *agoreuein*, "falar") é uma figura retórica que, como metáfora continuada, condensa significados. Tomada como expressão, ou seja,

manifestação do pensamento por meio da palavra, diz b para significar a, transmitindo mais significações que o uso da língua em sentido denotativo ou em sentido próprio. De acordo com Dubois (1973, p. 541), o signo-símbolo pode ser entendido tanto como unidade linguística apresentada como forma visual figurativa (por exemplo, o desenho que representa a balança), quanto tomado como signo de ideias abstratas, como a ideia de justiça, por exemplo. Por adição, também o signo-índice, ou sinal, nos faz conhecer algo não notado de imediato. É o caso, por exemplo, da cor sombria do céu, tomada como índice de uma tempestade.

Na técnica alegórica, a recuperação do sentido textual ocorre no que é identificado pelo leitor, ou seja, na diferença entre o conteúdo manifesto e o(s) conteúdo(s) latente(s), permitindo, através de sua exegese, identificar componentes significativos denunciando a apreensão de níveis profundos de realidade nela contidos.

Em *Allegory: the dynamics of an Ancient and Medieval Technique* (1987), Whitman esclarece que, desde os seus primórdios, a alegoria tem sido conhecida como “um modo oblíquo de escrita”. Entendendo por “oblíquo” todo significado que possa estar subjacente ao texto e que é inferido pela análise minuciosa do suporte textual em que se expressa, tal obliquidade, de acordo com Hegel (2000, p. 126), pode ser verificada na técnica metafórica de representar e personificar abstrações e no procedimento hermenêutico de interpretação religiosa de textos sagrados, pressupondo-se a “intuitibilidade” causada por ela (através “das exteriorizações, dos efeitos e das consequências que aparecem por meio do significado, quando este alcança efetividade na existência concreta, ou dos instrumentos e meios dos quais ele se serve em sua realização efetiva”). Neste caso, aproxima-se a definição de alegoria da que Bolle (1998) concebe em seus estudos acerca da alegoria benjaminiana, afirmando que esta se realiza “no momento em que o estudo de uma outra época ou outra cultura é disposto de tal maneira que essa perspectiva proporciona ao historiador uma percepção mais aguda de sua própria época ou cultura. E vice-versa”.

Portanto, retoricamente, a alegoria é operacionalizada a partir do emprego dos lugares-comuns do discurso, partilhados por autor e receptor. Entretanto, no discurso contemporâneo, a auto-referencialidade discursiva, a ausência de significado único, a desconstrução e as fissuras, entendidas como fragmentação discursiva, advindas tanto do declínio da retórica quanto da auto-referencialidade da obra, configuram ressignificações hiperbólicas, diminuindo horizonte de expectativas e levando à perda do sentido.

Operação retórica racionalizada, efetuada pelo fruidor que estabelece o presente a partir de analogias com o ausente e o distanciamento entre sujeito e objeto, a alegoria, por estes subterfúgios, denuncia a aparência real do que traz implícito em si. Por sua vez, na impossibilidade de abarcar a totalidade do real em suas múltiplas fragmentações, a capacidade alegórica de síntese, de fundir conceitos distantes e garantir novas significações são utilizadas, tecnicamente, como elementos que sugerem algo não textualizado, estimulando a sugestão, ou falsa aparência, de uma totalidade realmente verdadeira.

Contemporaneamente, a alegoria é repertório puramente formal, procura insólita pela significação e sentido perdidos. Nesse contexto, a validade do discurso alegórico demanda, portanto, o estabelecimento de poéticas que reforcem os tópoi contemporâneos para além da discursividade auto-referente, recuperando a dóxa, ao mesmo tempo em que solidifica seu caráter divergente e plural. O resultado disso? Cabe ao fruidor estabelecer a transposição metafórica entre os termos textualmente ordenados segundo os lugares-comuns que para estes encontrou. Tal transposição, garantindo o dialogismo discursivo, é que viabilizará o desvelamento do conteúdo alegórico que ao fruidor então se anuncia.

## **2. SOBRE ALEGORIA E TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA**

De acordo com Taboada (2006), a Teoria da Estrutura Retórica (RST) constitui-se em uma abordagem preocupada em explicar a construção da coerência dos textos, a partir da descrição de como os seus constituintes se articulam. Por quê? Pelo fato de entender que coerência de um texto

resulta da função que cada um dos seus constituintes desempenha em um texto. Entretanto, se entendemos que a alegoria articula o que está nas entrelinhas, o que não é palpável, como podemos, no contexto da RST, analisar seus constituintes estruturais? Através da compreensão da função das metáforas que a constituem.

Em Lopes (1987, p.49), a alegoria, construída pelo procedimento da metaforização continuada, é uma metáfora expandida que surge, quase sempre, na forma de metáforas que se ligam umas às outras, sintática e semanticamente. No interior destas, na qualidade de partes constituintes da mesma estrutura narrativa, cada metáfora se encarrega de efetuar a descrição de dado estado narrativo. Um exemplo? Tomando o vocábulo “semear”, é possível a decodificação do mesmo em uma metáfora primária, construída na figuratividade de uma relação A-B, onde semear (A) = deitar sementes na terra (B), e em uma metáfora secundária, acima do plano de expressão, focada em uma relação C-D, onde semear (A) é = a pregar (C), com C = pronunciar sermões / divulgar a palavra divina (D). O sema em comum entre ambos, a saber, “exercer um trabalho que será futuramente proveitoso” revelando-se um operador da contextualização das duas proposições.

Cumprir lembrar, entretanto, que, sendo o plano de expressão da alegoria constituído por outro discurso (C), que não, (A) e (B), a alegoria assume-se um discurso triplanar, que, em seu sentido final, é sempre contextualmente condicionada, influenciada tanto pelos contextos sintagmáticos apresentados no texto no qual ela se insere, quanto nos contextos paradigmáticos culturalmente pressupostos.

Portanto, por possibilitarem identificar estruturas hierárquicas dentro de um texto, bem como, por permitirem a descrição das relações funcionais que se estabelecem entre as partes do mesmo, Alegoria e Estrutura Retórica apresentam, sob nosso ponto de vista, pontos de convergência para o estudo da articulação semântica que gera o terceiro plano de significados em uma alegoria, a saber, o conteúdo cultural, não materializado explicitamente no texto, mas presente em suas entrelinhas.

### **3. SOBRE MIDIALOGIA**

Se, tomada como ciência, o que se chama hoje de “Midialogia” é um estudo novo, cujas contradições e mutações parecem surgir e se suceder numa velocidade muito maior do que as teorias que se elaboram para compreendê-las. Parte desta problemática reside na tentativa de se estabelecer uma linha de abordagem que integre os suportes analógicos da comunicação (oralidade, pictografia, texto grafado, texto impresso e outros) com as novas mídias, genericamente identificadas como os suportes digitais e suas respectivas linguagens surgidas após a disseminação da Internet.

Esta abordagem aparece, por exemplo, em Debray (1993), o qual, mesmo enveredando por uma linha convergente com as ideias de Martín-Barbero (2003), isto é, enfocando a mediação e não os meios, renega veementemente o estatuto da Comunicação e, conseqüentemente, seus aportes conceituais. De fato, o que Debray propõe, é uma Midialogia firmemente alicerçada no pensamento marxista, a qual trata da transformação dos conteúdos simbólicos presentes na comunicação, em forças tangíveis capazes de provocar mudanças sociais.

Outro teórico francês, Maingueneau, é muito mais modesto na busca de uma construção teórica que acompanhe a passagem do discurso literário desde o oral até virtual, passando pelas várias transformações do texto escrito. A ideia axiomática em que nos apoiamos — a saber, a necessidade de reconstruir os instrumentos de análise textual no contexto das mídias digitais/virtuais — é bem exemplificada na fala deste autor:

Por conseguinte, a leitura nada tem de atividade intemporal. Está ligada às estrições midiológicas. Ler não tem o mesmo valor quando se desenrola um longo rolo de pergaminho (volumen) ou, a partir do século IV, quando se folheia um manuscrito de cadernos, um códex. (MAINGUENEAU, 2014. 225).

É assim que, entendendo por Midialogia o estudo dos meios de comunicação (mídias) e suas respectivas consequências na sociedade e na cultura dos povos, postulamos verificar que, na contemporaneidade, novas produções em texto para imagem, áudio e vídeo, apresentam-se como apropriações voluntárias de linguagens que mantêm, ou não, na retextualização, relações de coerência emergidas no texto original, o que é fundamental tanto para os Estudos Comunicacionais quanto para os Estudos Estruturais Retóricos.

Neste contexto, a construção midiática, através do cyberspaço, estimula receptores passivos de conhecimentos formais no exercício de práticas textuais enquanto torrentes de informações, as quais lhes possibilitarão serem protagonistas de suas próprias narrativas e notícias. De tal forma que, na contemporaneidade, e, particularmente, no meio cultural-acadêmico, é possível afirmar que a Midialogia se caracteriza, mais especificamente, como um amplo conjunto de estudos e abordagens de diferentes linguagens e suportes, do que, propriamente, como uma área de estudos sistematizada e apoiada num rigor interpretativo ontológico.

Neste contexto, nossas dúvidas já começam, então, na ontologia, cabendo perguntar: afinal, de que mídia falamos? SANTAELLA (2009) nos dá algumas indicações importantes quando assinala, pelo menos, três diferentes acepções concernentes do termo, sendo, cada uma delas, referente a uma abordagem “funcional” do que é midiático, associadas, respectivamente, a períodos históricos mais ou menos definidos. Assim, teríamos um estágio inicial, correspondente à cultura de massas, no qual, a mídia – não denominada ainda por esta terminologia – era identificada com veículos e canais que transmitiam (unilateralmente, diga-se de passagem) informações e notícias.

Outro, caracterizado pelo surgimento de dispositivos que permitiram a fixação de informações para distribuição posterior, assim como, o acesso não-linear a eles, no qual as fitas, CDs (e, mais tarde, os DVDs) expandiram os limites temporais que restringiam, tecnicamente os fluxos de informação midiática. Aqui, os limites espaciais também foram ampliados, já que se poderia levar estas informações a qualquer lugar em que houvessem leitores de mídia, o que nos leva a pressupor que o impacto desta transformação seja um dos responsáveis em justificar a forte identificação da mídia com o suporte que carrega as informações.

O terceiro período, por sua vez, identificado com o que vivemos hoje, desde a disseminação da Internet, nos meados dos anos 1990, numa “novíssima” era midiática, na qual os suportes desmaterializam-se numa “nuvem” de informações espalhadas por todas as redes em conexão do planeta, até, especificamente, a mídia ser o que assume a função de ambiente com o qual interagimos numa perspectiva de interações dinâmicas e intencionais. Ou, nas palavras de Santaella (2009, p.68):

a Cultura das mídias constitui-se em um período de passagem, uma ponte entre a cultura de massas, e, a mais recente, cibercultura. Isto não significa que uma forma de cultura leve a outra ao desaparecimento. Ao contrário, todas as formas de cultura desde a cultura oral até a cibercultura convivem e sincronizam-se na constituição de uma mescla comunicacional e cultural complexa e híbrida. (SANTAELLA, 2009, 68)

Neste contexto, como localizar a Mídia-Canal, a Mídia-Suporte e a Mídia-Ambiente? Entendendo-se, por Mídia-Canal, o contexto dos meios de comunicação ditos “massivos”, por meio dos quais poucos levam seu discurso único a muitos receptores passivos, bem como, por Mídia-Suporte, o contexto que, ao mesmo tempo, amplia o alcance e as possibilidades de personalização – ou endereçamento do discurso, direcionando-o a públicos mais específicos e, por Mídia-Ambiente, o contexto no qual, ao menos teoricamente, existe a possibilidade de um discurso múltiplo e plural, exercido por, entre e para todos os interlocutores, o discurso, uma vez transmitido, deixa de ser “único” (mas longe ainda, de ser efetivamente plural), pela disponibilidade das mensagens e as possibilidades, ainda limitadas, de acesso e produção de mensagens por escolha do público (já não

tão passivo). Esta ideia se relaciona com as noções de Mídiasfera (DEBRAY, 1993) e Cibercultura (LEVY, 2009).

Ainda sob este ponto de vista, falar em novas produções textuais, surgidas a reboque na digitalização, virtualização e, nos dias de hoje, na ubiquidade dos textos hospedados “na nuvem”; implica na construção de pelo menos quatro categorias de referência para começarmos a esboçar um enquadramento teórico:

(a) Textos transpostos *ipsis literis* para a Web. Nestes, não se detectam grandes modificações em relação aos originais em formato gráfico-impresso. Não obstante, o acesso a partir de uma plataforma digital e a leitura realizada pela interface de uma tela, provocam alterações de tempo e ritmo na leitura, ainda que mantendo (quase sempre) sua linearidade.

(b) Textos adaptados para a Web. Referimo-nos, aqui, àqueles textos preexistentes que, no processo de virtualização, se revestem dos recursos e formas de acesso pertinentes ao meio digital, notadamente, a dinâmica hipertextual que permite romper a linearidade do processo de leitura e acessar outros trechos dentro do próprio texto, outros textos externos ou, ainda, outras referências midiáticas em diversos formatos de som e imagem.

(c) Textos produzidos para a Web. Os quais já são elaborados incorporando uma dinâmica de acesso/leitura que se apoia nos recursos hipertextuais e na interação com outros suportes midiáticos. Esta categoria de produções implicou, inclusive, no desenvolvimento de uma normatização informal traduzida nas técnicas de Webwriting, as quais incorporam técnicas do design visual. Exemplos desta abordagem relacionam as dimensões reduzidas do texto online, a opção por fontes mais “limpas” (sans serif) e o realce da informação pelo uso da cor e outros recursos de contraste. Também podemos mencionar a comunicação escrita via e-mail ou chat, que adotou, a certa altura, algumas convenções — conhecidas, em conjunto, como “Netiqueta” — que não existiam previamente na comunicação escrita ou impressa.

(d) Construções textuais híbridas. Que compreendem as tendências contemporâneas verificadas em formatos nativos da web, como os sites, os blogs e os livros digitais. O que estas distintas produções têm em comum, é o uso constante da dinâmica transmidiática, isto é, a necessidade de extrair seu sentido da soma dos estímulos visuais de áudio, vídeo e animações interativas incorporados organicamente no próprio suporte digital-virtual no qual se realizam tais construções.

O que estas produções retextualizadas apresentam em comum e, ao mesmo tempo preservam, em relação ao texto grafado? O fato de exigirem a habilidade de leitura, em graus diversos de alfabetização e letramento. Outra característica a ser considerada é a “impressibilidade” de tais materiais, isto é, a possibilidade de converter esses textos em formato impresso, mantendo seu teor informacional relativamente inalterado (nas categorias “a” e “b”), mas sacrificando seus recursos interativos e hipermidiáticos (nas categorias “c”, e “d”).

Por fim, o aspecto transmidiático, apontado aqui como uma tendência na construção dos textos digitais e virtuais pode, eventualmente, resultar numa cisão dentro do texto, enquanto objeto de estudo, justificando a revisão e criação de novas metodologias de análise textual e discursiva. É neste contexto que a relação entre Midialogia e Teoria da Estrutura Retórica se conjugam.

### **3. SOBRE MIDIALOGIA E TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA**

Uma vez definido um mínimo de pressupostos a respeito da Midialogia (mas não da “Midialogia” de Debray) com algumas implicações que alcançam as análises textual e do discurso, podemos estabelecer alguns pontos de interesse sobre o emprego da Teoria Retórica,

ou, melhor dizendo, sobre seus limites. Sob nosso olhar, é razoavelmente transparente o fato de que os textos de transposição literal e aqueles adaptados ao meio online (categorizados na seção anterior como “a” e “b”) não fogem ao modelo possível de análise dos demais textos grafados e impressos. Neles, as distintas seções do discurso e as relações de encadeamento entre elas permanecem relativamente inalteradas.

A perspectiva muda completamente quando tratamos dos textos produzidos para a web (“c”) e, mais ainda, das construções textuais híbridas (“d”). Mas, o que se altera, exatamente, e quais as eventuais implicações para o emprego das modalidades analíticas apresentadas anteriormente — a Analogia e a Teoria Retórica? Em primeiro lugar, podemos destacar a já mencionada característica dos textos online de serem usualmente mais curtos que seus equivalentes gráficos. As implicações mais óbvias são a aparente pobreza informacional (informações omitidas ou resumidas) ao lado de uma maior concisão textual (síntese).

Dado curioso é o de que a proeminência anglo-saxônica na criação e gestão da Internet foi acompanhada pela instituição não-formal (porque desnecessária) — do idioma inglês, com toda a sua reconhecida parcimônia, como língua franca do mundo online. Esta, que parece ser uma questão linguística colateral, ganha importância se pensarmos o webwriting na perspectiva de uma projeção de poder da cultura hegemônica do cyberspace. Aliás, salta aos olhos, também, a quantidade de conceitos-chave oriundos do inglês — mesmo em nosso texto, eles são abundantes — o que apenas reforça a nossa assertiva.

Num segundo momento, podemos destacar a redução da natureza “imprimível” dos textos online, por conta da inevitável supressão dos hiperlinks. Ainda quando estes não se revelam imprescindíveis na obtenção do sentido geral do texto, sua ausência torna-se tão limitante quando comparamos as versões online e impressa, que poderíamos traduzir a perda como a transformação de um globo terrestre num mapa plano ou do David e Michelangelo em um croqui a lápis. A construção hipertextual demonstra, por assim dizer, um efetivo poder de deslocamento das relações núcleo-satélite e até das relações multinucleares, complexificando sobremaneira a tarefa de mapeá-las. É quase como se a natureza do hipertexto oferecesse potencialidades semânticas virtualmente (em mais de uma acepção) inesgotáveis, subvertendo as lógicas estabelecidas a priori pela Analogia e pela Teoria Retórica.

Tal propriedade, que somos tentados a denominar fractal, multiplica e estende exponencialmente nossas possíveis análises, quando enfocamos as construções textuais híbridas — particularmente quando estas mesclam, indissociavelmente códigos verbais, sonoros e visuais. É importante notar que nos referimos aqui, não apenas às condições de polissemia e polifonia do discurso (inerentes a muitos textos off-line), mas ainda a uma sobreposição de planos discursivos, a indefinição do sujeito-enunciador, a geração de feixes de narrativas e contra narrativas e, em muitos casos, à possibilidade de intervenção criativa e instantânea do próprio leitor, promovido a coautor da produção textual.

Este conjunto de aspectos oferece um formidável desafio ao enquadramento metodológico das novas mídias a partir das técnicas de análise textual e discursiva referenciadas no âmbito de nosso texto. Metaforicamente, é como se a linguística acompanhasse a revolução Quântica na Física subatômica, deflagrada pela constatação de que o observador forçosamente interfere com o objeto analisado, o que desconstruiu irreversivelmente o conceito de objetividade na ciência.

Sendo a RST uma teoria descritiva, que objetiva caracterizar as relações retóricas (proposições relacionais) que emergem da combinação dos constituintes textuais (ANTONIO, 2004, 2008), quando interseccionada com contextos midiáticos, em que a mobilização crescente da competência retórica dos sujeitos busca deslindar o potencial de alcance na rede de meios de comunicação, cada vez mais complexa, que caracteriza os nossos tempos, o posicionamento e a reação dos sujeitos, seja reagindo e se posicionando perante os fatos, seja tomando decisões e diretrizes comunicacionais fundamentais, incita a agir, a mudar sentidos comunicacionais puramente ornamentais que lhe fora atribuído pelos que relutavam em reconhecer a sua natureza original.

De que forma? Propondo, por exemplo, questões para cada meio dominante, em uma dada conjuntura histórica, do tipo:

- 1.O que foi deslocado (abandonado)?;
- 2.O que foi amplificado?
- 3.Que inversão ocorreu? Materialidade dos suportes e dos efeitos tecnológicos?

O fim retórico-discursivo dos textos remetendo, portanto, à ideia de contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008), por meio do qual se estabelecem as convenções, as normas, os acordos que regulam as trocas de linguagem, e a existência de saberes comuns entre os interlocutores. É o fim discursivo do texto, inserido num contrato de comunicação, permitindo ao sujeito dar conta do todo em contextos midiáticos.

Ou seja, o sujeito discursivo torna-se o produtor que decide por uma determinada relação textual e contextual tendo em conta sua funcionalidade, pois a característica que todas as relações retóricas partilham é a de apresentarem categorias de efeitos a serem produzidos no leitor. No entanto, a opção de produzir este ou aquele efeito dependerá da adequação ao contexto de situação e às possibilidades ligadas ao gênero de discurso em questão.

Observar o ciberespaço, nesta óptica, é observar as práticas discursivas da atualidade realizadas por meio das novas tecnologias.

## **Conclusão**

Presenças na ausência, uma vez combinadas com organização textual, em termos de coerência entre partes pressuposta pela Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory - RST), alegoria e mídia, no exercício de construção e / ou desconstrução de relações implícitas estabelecidas entre as macro e microestruturas textuais, aqui sendo entendidas como ferramentas de auxílio na capacitação do aluno na construção de textos tradicionais e midiáticos coerentes.

Nos domínios da Alegoria e Midialogia, fica bastante evidente a necessidade de se desenvolver novas modalidades de análise, seja pela adaptação (ou combinação) de técnicas já existentes, ou pela criação de outras abordagens inéditas que levem em conta a dupla natureza semântica dos textos online nativos e das construções textuais híbridas: (1) a concisão dos enunciados, no caso dos primeiros, e (2) a multiplicidade de perspectivas combinatórias que extrapolam a construção “puramente textual”, nas últimas.

Fato é, que o texto e sua lógica discursiva seguem preservados, mesmo no âmbito do ciberespaço — tal como atestam os bancos de teses e as inúmeras separatas disponíveis para download —, e que continuarão requisitando o emprego do cabedal de ferramentas analíticas já consolidadas, como aquelas duas das quais tratamos deste breve artigo.

Por outro lado, a existência de livros virtuais interativos e objetos de aprendizagem referenciados em texto, parecem se constituir na ponta do iceberg de uma esfera de novos discursos e, até, de uma nova retórica.

Isso não exclui a possibilidade de aportarmos, para a análise textual, as abordagens interpretativas pertinentes às narrativas audiovisuais e até das hipernarrativas (como por exemplo, os games), numa curiosa inversão das experiências levadas a cabo pelos estruturalistas franceses, há algumas décadas (Barthes, 2011).

## Referências Bibliográficas

ANTONIO, J. D. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. 2004. 245f. Tese (Doutorado em Linguística)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

BARTHES, Roland (Org.). *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2011.

BOLLE, Willi. “Gêneros literários urbanos: Berlim, Paris, São Paulo”. *TB*, Rio de Janeiro, 132: 75-97, jan.-mar., 1998.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

COLLIN, S. M. H. *Dicionário de Informática, Multimídia e Realidade Virtual*. São Paulo, Melhoramentos, 2001.

DEBRAY, R. *Curso de midialogia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*, Volume II. SP: Edusp, 2000.

LEVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

LOPES, Edward. *Metáfora*. São Paulo: Atual, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo, Editora Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2003.

SANTAELLA, Lucia. “Meios, Mídias, Mediações e Cognição” In CARAMELLA, Elaine [et al.]. *Mídias: Multiplicação e Convergências*. São Paulo, SENAC, 2009.

TABOADA, Maite. Discourse markers as signal (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*, v. 38, n. 4, p. 567-592, 2006.

WHITMAN, Jon. *Allegory: the dynamics of an Ancient and Medieval Technique*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

---

**iRosemary SANTOS, Profa. Dra.**  
**Universidade de São Paulo (USP)**  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas



---

E-mail: cienciausp@usp.br

ii Marciel CONSANI, **Prof. Dr.**  
**Universidade de São Paulo (USP)**  
Escola de Comunicações e Artes  
Centro Comunicações e Artes  
E-mail: mconsani@usp.br